

# editorial

## **Bandidos-crianças: um drama pungente**

N. 16  
1  
88

Publicamos, na nossa edição de quinta-feira última, uma notícia segundo a qual foi capturada na Manhica uma criança de 12 anos, a qual trabalhava como informador para os bandidos armados que actuavam na região. De seu nome Arnaldo Dinis Dzimba, a história desta criança, por ela própria relatada, é aterradora. Recordemos as suas declarações, prestadas à equipa de Reportagem que a entrevistou: «Vi tantas crianças matarem pessoas, sob o efeito de drogas. Para nós, crianças, as pessoas que temos de matar permanecem amarradas, depois dão-nos uma baioneta e indicam-nos o sítio onde a devemos espetar, normalmente tem sido nesta parte» (e indicava a garganta). Afirmou ter matado assim dez mulheres, a mando dos bandidos armados que anteriormente o haviam raptado já com este objectivo.

Sendo aterradora, quase inacreditável, a história desta criança é, no entanto, uma história infelizmente vulgar no Moçambique de hoje. Histórias como esta há-as hoje às centenas, senão aos milhares, pelo País fora — algumas ainda bem piores, aliás, que a do pequeno Arnaldo Dinis Dzimba. Dezenas de depoimentos nos falam de casos de crianças que, depois de capturadas pelos bandidos armados, foram forçadas, como parte do seu treinamento, a assassinar o próprio pai, ou a própria mãe, ou ambos, ou outros familiares próximos, constituindo isso uma espécie de prova, ou de rito de iniciação na prática da matança.

Desde sempre que o banditismo armado utiliza este método para transformar em assassinos os cidadãos pacíficos que captura, por forma a com eles engrossar as suas fileiras. Incapaz de aliciar, de convencer um número significativo de cidadãos, o banditismo reproduz-se assim. O método tem a dupla vantagem de comprometer o cidadão raptado, desencorajando-o de fugir, e de o desumanizar, preparando-o para, a partir de então, obedecer a todas as ordens que receber, mesmo àquelas que, normalmente, mais repugnavam à sua consciência.

Mas nem assim o banditismo conseguia engrossar as suas fileiras ao ritmo pretendido. Porque não é facilmente que se transforma um homem adulto, normal, numa fera capaz de matar indiscriminadamente os seus semelhantes; por isso muitos fugiam, alguns preferiam morrer a transformar-se em assassinos. Então os mentores do banditismo, os cérebros doentios que a partir de Pretória o comandam, descobriram o recurso às crianças e adolescentes. Porque, sendo estes mais moldáveis, mais facilmente se adaptam aos sinistros objectivos pretendidos. Assim se começou a assistir, nos últimos anos, ao rapto massivo de crianças e adolescentes do sexo masculino. Os quais, depois de submetidos a um brutal processo de despersonalização e desumanização, se transformam na força de choque do banditismo armado, constituindo hoje o grosso dos efectivos de uma boa parte dos grupos de bandoleiros que vagueiam pelo País, matando, destruindo e saqueando.

O condicionamento e posterior utilização de crianças e adolescentes como carne para canhão não é, desgraçadamente, novo da História universal da violência e do terror. Poucas vezes, porém, isso terá sido feito de forma tão sistemática e massiva como hoje acontece em Moçambique.

Este é um dos dramas maiores e mais pungentes da guerra selvagem que nos é movida. Quantas mães não sofreram já a dor de verem raptado o seu filho de doze, treze, catorze anos, não passaram já um, dois anos sem notícias dele, não o julgaram já morto — para depois sofrerem a surpresa, ainda mais dolorosa, de um dia o verem regressar transformado em bandido armado, de o verem regressar para matar a própria família?

Suscitadores de ódio que são pelos actos hediondos que praticam, estes bandidos-crianças são, afinal, as vítimas principais desta guerra a que nos condena a desumanidade do «apartheid». Em relação a eles ganha mais profundo conteúdo a política de clemência expressa na recentemente aprovada Lei da Amnistia e Perdão. Uma vez terminada a guerra, quem curará estas crianças dos traumas que sofreram, quem será capaz de construir de novo, nelas, a pessoa humana que já existiu mas foi destruída, deliberadamente, por um processo de brutalização, de bestialização, de desumanização?

Por este crime responderão, também, aqueles que o praticam e ordenam, aqueles que hoje organizam a transformação de crianças moçambicanas em monstros insensíveis, em assassinos indiferentes, em máquinas de matar, mutilar, massacrar.